

Técnica destrói pedras sem uso de anestesia

Em casos mais graves, o procedimento é utilizado associado a outro método

Há 20 anos, quem sofria de "pedra" nos rins preparava-se para ir à mesa de cirurgia praticamente no momento seguinte ao do diagnóstico. O corte profundo no abdômen com risco de trazer outras complicações renais é coisa do passado. Há dois tipos principais de procedimentos para remover cálculos com pequeno ou nenhum corte.

O primeiro avanço tecnológico em tratamento da calculose veio com a cirurgia percutânea com litotripsia ultrassônica, utilizada para "moer" pedras muito duras. O procedimento consiste em reduzir a pó os cálculos por meio do uso de um equipamento que penetra no corpo através de um corte pequeno feito na região lombar. O inconveniente, nesse caso, ainda é a necessidade de o paciente se submeter a anestesia geral.

Pulverização — A litotripsia extracorpórea, na qual o doente sequer é anestesiado e recebe alta em seguida, é hoje utilizada na maioria dos casos. Quando o cálculo está bastante espalhado pelo rim, quase a ponto de obstruir o fluxo de urina do rim para a bexiga, há associação dos dois procedimentos. "Pode acontecer de o resíduo do cálculo pulverizado concentrar-se na passagem do rim para o ureter e não conseguir ser totalmente eliminado na urina", descreve o urologista Sami Arap.

O único hospital público que conta com o aparelho, que custou U\$S 1,5 milhão, é o Hospital das Clínicas. A fila de espera para a quebra de cálculos por via extracorpórea, segundo Sami Arap, chega a de seis meses.

No Hospital São Paulo, que pertence à Escola Paulista de Medicina, os médicos encaminham pacientes para o Hospital D. Silvério (Zona Norte), que cobra o procedimento do governo por meio do Sistema Único de Saúde (SUS), e para a Casa de Saúde Santa Marcelina, que adquiriu o litotripsor há dois meses.